

# Abrigo à Coabitação





06

O corpo, a acção e o espaço:  
encontro com uma proposta metodológica  
José Cabral Dias

11

Composição da turma

12

Desenhar a coabitação. Um exercício  
de projeto de Arquitetura que reequaciona  
um mundo não-Antropoceno.  
Andreia Garcia

14

O Abrigo, a experiência de Ser  
Inês Campos

16

O microcosmos individual na prática  
do projecto  
Rógerio Galante

19

A Máscara

28

Exercício

É um lugar-comum dizer-se que a Arquitectura “acontece” para lá da função. Não é questionável o papel da função como indutora do espaço arquitectónico, mas é também inegável que a Arquitectura não se esgota nas determinações funcionais. Segundo uma analogia clarificadora, podemos assumir que o acto de viver transcende amplamente o conceito de vida biológica, embora esteja intimamente ligado às funções vitais do corpo humano. Do mesmo modo e voltando atrás, a Arquitectura tem início com as necessidades inerentes ao uso, mas só adquire plena existência e significado quando o espaço está disponível para, na bela asserção de Paulo Mendes da Rocha, “amparar a imprevisibilidade da vida”.<sup>1</sup> Dito de outro modo, a Arquitectura está dependente da vida para que adquira pleno sentido: ao enquadrá-la, completa-se.

Acrescidamente, sabe-se que a relação entre função e espaço, embora vital, não está isenta de riscos, especialmente em contexto de aprendizagem, e sobretudo no primeiro ano de formação. Se a Arquitectura só se concretiza quando induz e acolhe a liberdade da vida, a resposta estrita à função é em potência a exclusão de uma ampla gama de possibilidades de apropriação espacial: todas as que não sejam determinadas pelo propósito original do espaço. Em termos concretos, isto significa que uma resposta demasiada directa à função, se não permitir a liberdade de descoberta do espaço, é em si mesma a negação de uma dimensão vital da Arquitectura, senão mesmo da própria Arquitectura. É por aí que o perigo espreita: é compreensível que os estudantes desejem fixar-se em dados concretos, nas características tangíveis do programa, como modo de evitar o desconforto e a insegurança da incerteza. É um acto instintivo de “sobrevivência” perante o concreto, de um lado, e a indefinição, do outro. O primeiro impulso será o de um foco demasiado directo em “para que serve”, não antevendo “o que possibilita”.

Cada estudante tem consciência da sua própria experiência pessoal – de uso funcional e objectivo do espaço –, mas esse chão seguro não pode servir para o bloqueio da aprendizagem: é necessário garantir que as naturais dificuldades de antevisão das inúmeras possibilidades espaciais – que só com a dinâmica do projecto e o tempo da sua própria elaboração serão descobertas – não se constituem como uma via para o imediatismo da resposta directa ao programa. Aprender a pensar a Arquitectura implica, pois, a descoberta das possibilidades não antecipáveis, e o ensino deve induzir o contexto para que os estudantes se questionem. Isso significa afastar a segurança mais rápida, mas ilusória, de refúgio em modelos apriorísticos e porventura banais.

<sup>1</sup>The room is the beginning of Architecture. It is the place of the mind. You in the room with its dimensions, its structure, its light respond to its character, its spiritual aura, recognizing that whatever the human proposes and makes becomes a life.”<sup>2</sup>

Levar o estudante a descobrir a matéria da Arquitectura é uma acção objectiva enquanto propósito, mas, por vezes, nebulosa no quotidiano da prática em sala de aula. A resposta à pergunta o “que é a Arquitectura?” é sempre incompleta e difícil de formular. Descobrir para lá do evidente e da face aparente das coisas é uma tarefa em que os estudantes têm de participar como agentes activos, muitas vezes no acto solitário da aprendizagem, com meios pessoais de indagação, crítica individual e formulação de hipóteses próprias, através dos quais os caminhos possíveis se definem. O diálogo intenso com o sítio como procura do específico e singular, a luz e o modo como esta se desenha sobre as superfícies e ocupa os espaços, a penumbra que com ela contrasta, o encerramento e a abertura espacial, as continuidades e a experiência dinâmica do espaço, a escala e medida na relação com o corpo humano, isto para além das complexidades que definem o quadro perceptivo para a liberdade de uso, e que Aldo Van Eyck codificou como *twin phenomena* – part/whole; large/small; many/few; inside/outside; unity/diversity; open/closed; mass/space; change/constancy; motion/rest; order/chaos; individual/collective<sup>3</sup> – são propriedades cumulativas e multidimensionais da Arquitectura só alcançáveis num processo de pesquisa disponível para a descoberta. É necessário centrar o olhar de quem aprende. O valor da forma em si mesma e/ou a sobrevalorização dos efeitos plásticos/estéticos pelos estudantes têm de ser questionados, tanto quanto o foco objectivo na função.

A arquitectura não é fazer composição com valores plásticos. Não tem que ser bonita apenas num sentido compositivo. É importante é que o espaço tenha uma grande intensidade.”<sup>4</sup>

Como levar os estudantes a descobrir a aura espiritual dos espaços, os compartimentos, volumes e vazios onde se jogue a intensidade da vida é, pois, a questão. Se forem levados a imergir nos riscos e na insegurança do projecto, os estudantes do 1.º ano têm uma disponibilidade total para propor por meios próprios, com inventiva, soluções intensas para os problemas de projecto, à medida que vencem os receios iniciais. O pouco conhecimento da disciplina em que se iniciam é uma circunstância de elevado potencial. Para o campo das possibilidades a explorar, não trazem a cultura arquitectónica que não podem ter no início do percurso formativo, mas isso, paradoxalmente, permite-lhes quase tudo. A falta de um leque alargado de referências disciplinares é compensada pela disponibilidade para a experimentação sem limites determinados *a priori*, isto é, sem o condicionamento em que pode constituir-se a excessiva fidelidade a modelos (mesmo eruditos) e aos heróis que os criam. A experiência sensorial do espaço e a relação entre os volumes é o que lhes resta para explorar. Dir-se-á que o problema da descoberta em que os estudantes têm de iniciar-se está parcialmente ditado pela condição de recém-iniciados na Arquitectura. O desafio do ensino será o de tirar partido dessa circunstância. Os fundamentos dos exercícios de projecto são determinantes. Terão de fomentar as capacidades de aprendizagem, bem como o

potencial de pensamento e de conceptualização, visando os aspectos não mensuráveis da Arquitectura. Ou seja, devem estimular a disponibilidade dos estudantes para a exploração e a descoberta através dos meios de que dispõem. Trata-se de um desafio nunca encerrado e em permanente recomposição. O ensino é um sistema dinâmico por definição. Foi esta razão que me conduziu até às salas de aula de Projecto do 1.º ano da UBI – é preciso afastar os perigos da excessiva certeza, num processo contínuo que se complementa no confronto com o outro e experiências didácticas diversas.

Na prática de ensino observada em sala de aula e no contacto directo com os discentes, foram percebidos estímulos, desafios e motivações que, segundo os princípios metodológicos de base, visavam potenciar a condição singular dos estudantes do 1.º ano. O programa do exercício final de Projecto 1 do curso de Arquitectura da UBI propunha o desenho de um abrigo, no qual o ocupante teria de co-habitar com um animal. Segundo os pressupostos do enunciado fornecido aos discentes, a sua matéria-base seria a acção (diria sensação, também) induzida pelo espaço, e definida através de três verbos distintos, que cada estudante definiria e exploraria no âmbito da sua própria pesquisa projectual. Se, por um lado, essa aproximação ao acto de pensar o espaço pode constituir uma sensibilização importante para temas a que a Arquitectura e a acção humana têm de estar cada vez mais atentas – o equilíbrio entre a vocação transformadora da Arquitectura e o meio envolvente é com toda a certeza inadiável –, por outro lado, e não menos importante, uma metodologia assim idealizada permite criar condições para que cada estudante encontre meios para se focar nos temas centrais da Arquitectura: os únicos em questão, quando o valor do espaço, como modo de gerar usos, é a matéria determinante do projecto. A generalidade dos trabalhos observados, embora ainda numa fase muito inicial, propunha que fosse o corpo – através da dimensão física e sensorial – a origem dos atributos do espaço. A exploração do binómio interior/exterior, como meio de clarificar contrastes e/ou continuidades dentro/fora, estava subjacente às complexidades a descobrir e sentir. A experiência dinâmica do espaço, patente na generalidade do discurso dos estudantes, surgia descrita como modo de intensificar as atmosferas.

Recordo outras experiências didácticas, mais pessoais, também sem lugar específico nem programa determinado, que visavam a elaboração de uma proposta de projecto (de curta duração) a partir das características do espaço e dos estímulos assim induzidos. Alto/baixo, largo, estreito, enterrado/em balanço, pesado/leve, escuro/iluminado, bem como outros contrastes, como parte do léxico a explorar. Os resultados que os estudantes produziam, libertos das preocupações “quotidianas” e mensuráveis, e só centrados na experiência do espaço, constituíam momentos de aprendizagem valiosos para o questionamento e a reflexão, com claros resultados quando, numa fase posterior, se confrontavam com dados mais concretos (lugar e programa). É desse modo que leio a experiência pedagógica observada no 1.º ano de projecto da UBI.

Se por um lado os estudantes são forçados a um exercício de abstracção intenso e porventura difícil numa fase inicial; por outro, confrontam-se com a necessidade de pensar intensamente a essência da Arquitectura: o espaço e o modo como é percebido pelo seu ocupante. É um processo não isento de riscos, obviamente: o processo aposta inequivocamente num âmbito conceptual, que só mais tarde adquire uma definição concreta, quando é fornecido um terreno específico e a síntese entre as diversas partes que formam a proposta de projecto se impõe como necessária. Aí estará o papel dos docentes, que com toda a certeza saberão transmitir aos estudantes a adequada confiança.

Concluindo, se o mensurável e o objectivo podem ser âncoras para o estudante que navega em águas alteradas e desconhecidas, é inegável que uma das maiores dificuldades do momento inicial da formação consiste em deslocar o foco para a experiência do espaço, intenso e vivido, como matéria central da Arquitectura. Acredito que o que observei em Projecto do 1.º ano na Covilhã constitui uma experiência muito válida e alternativa para evitar que os estudantes se refugiem na segurança do que conhecem, e, pelo contrário, se aventurem no desconhecido e no processo de descoberta. Só aí poderão formar-se. Acredito ser esse o caminho que lhes é proposto pelos docentes de Projecto 1 da UBI.

1 Vd. "Tudo é Projeto", documentário sobre a vida e obra do arquitecto Paulo Mendes da Rocha, de Joana Mendes da Rocha e Patricia Rubano, 2017.

2 Louis Khan, discurso proferido em 1971. Vd. Khan, Louis – The Room, the Street and Human Agreement. A+U. Tóquio. 1971. 500 (2012).

3 Van Eyck, Aldo – The Child, The City, and the Artist: an essay on architecture; the in-between realm. [s.l.]: [s.n.], 1962, p.71.

4 Vicente, Manuel – *Hoje a arquitectura é muito igual: é tudo a mesma coisa!*. [Em linha]. Disponível na Internet: URL: <https://www.publico.pt/2011/07/27/culturaipilon/noticia/quochoje-a-arquitectura-e-muito-igual-e-tudo-a-mesma-coisaquot-290753>

A1 04  
Abrigo à Coabitação

Edição  
Universidade da Beira Interior  
Departamento de Engenharia  
Civil e Arquitetura

Coordenação Editorial  
Andreia Garcia

Assistência Editorial  
Architectural Affairs  
– Francesco Casula

Gestão de Projeto  
Andreia Garcia  
Inês Campos  
Rogério Galente

Textos  
Andreia Garcia  
Inês Campos  
José Cabral Dias  
Rogério Galente

Alunos  
André Mouro  
Ângelo Barbosa  
Beatriz Dias  
Beatriz Santos  
Bruna Curto  
Carolina Almeida  
Carolina Gil  
Carolina Ivanova  
Carolina Silva  
Carolina Taborda  
Catarina Soares  
Daniela Pinto  
Daniela Russo Costa  
David Henriques  
David Sousa  
Domenica Donoso  
Elsa Vaz  
Francisca Felix  
Inês Parreiras  
Jacinta Guerra  
Joana Lopes  
João Maia  
João Morais

João Rodrigues  
Juliana Nascimento  
Julio Zambrano  
Kevin Araque  
Leonor Rodrigues  
Liliana Gomes  
Lindsay Remache  
Luana Monteiro  
Luís Gedeão Danda  
Luis Morales  
Luís Rodrigues  
Mara Martins  
Márcia Alves  
Margarida Ramalho  
Maria Moscoso  
Mariana Conde  
Mariana Pereira  
Mariana Vasconcelos  
Miguel Casalta  
Neuza Pereira  
Nicolás García  
Rafaela Jesus  
Rafaela Meireles  
Raquel Henriques  
Renan Aguilar  
Ricardo Garcia  
Rui Santos  
Sheldon Amosse  
Sthefany Flório  
Thaynara Marotti  
Tomás Ventura

Design Gráfico  
And Atelier

Impressão  
Orgal

Tiragem  
300

Depósito Legal  
524038/23

ISBN  
978-989-654-958-9

Apoio Mecenático  
Faculdade de Engenharia da  
Universidade da Beira Interior

Departamento de Engenharia  
Civil e Arquitetura da  
Universidade da Beira Interior

Projeto Cidade Habitada  
– Congresso Internacional da  
Habitação no Espaço Lusófono  
(4.º CIHEL), UBI (Inês Campos  
e Rogério Galente)

A docente Andreia Garcia



Universidade da Beira Interior

